

O discurso conservador e a função da arte no mundo em crise: a política do silêncio no Mormaço Cultural, em Boa Vista-RR

Discurso conservador y función del arte en un mundo en crisis: la política del silencio en el Mormaço Cultural, en Boa Vista-RR

Ana Paula Santos de Oliveira

Instituto Federal de Roraima

RESUMO

Este artigo propõe analisar uma discursividade cuja atualização ocorre em condições de produção de crise estrutural do capital, suscetível ao surgimento de movimentos políticos de forte adesão popular em razão de seu apelo emocional. A partir de um arcabouço teórico-metodológico que define a linguagem como heterogênea, ou seja, com abertura para diferentes modalidades de subjetividade, o estudo tem como objetivo desvelar a posição do prefeito de Boa Vista-RR por ocasião do cancelamento do show de Johnny Hooker no *Mormaço Cultural* de 2023. Para isso, mobilizamos categorias e conceitos da AD pecheutiana (Pêcheux, 2014; Orlandi, 2016; Zoppi Fontana, 2014), em diálogo com o materialismo histórico dialético, no que se refere ao papel da arte e seu caráter partidário no reflexo da realidade (Lukács, 2018). Como resultado das análises, apontamos a imbricação entre o discurso conservador e a agenda econômica neoliberal, sob a determinação desta, com vistas à dissimulação das relações sociais, de suas contradições.

PALAVRAS-CHAVE

Memória. Arte. Extrema direita. Contradição

RESUMEN

Este artículo pretende analizar un discurso que se actualiza en condiciones de producción de crisis estructural del capital, susceptible al surgimiento de movimientos políticos con fuerte apoyo popular debido a su atractivo emocional. A partir de un marco teórico-metodológico que define el lenguaje como heterogéneo, es decir, abierto a diferentes modos de subjetividad, el estudio pretende desvelar la posición del alcalde de Boa Vista-RR al cancelar el concierto de Johnny Hooker en *Mormaço Cultural* en 2023. Para ello, movilizamos categorías y conceptos de la AD pecheutiana (Pêcheux, 2014; Orlandi, 2016; Zoppi Fontana, 2014), en diálogo con el materialismo histó-

Ana Paula Santos de Oliveira

Doutora em Linguística pela Universidade Federal de Alagoas. Docente no Instituto Federal de Roraima. Integrante do Grupo de Estudos Discurso e Ontologia (PPGLL/Ufal). Líder do Grupo de Pesquisa Formação Docente: diversidade sexual e de gênero na educação profissional e tecnológica (IFRR/CBV). Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-1097-9051>

Recebido em:
09/03/2024

Aceito em:
07/08/2024

AGOSTO/2024
ISSN 2317-9945 (On-line)
ISSN 0103-6858
p. 280 - 296

rico dialéctico, en relación con el papel del arte y su carácter partisano en el reflejo de la realidad (Lukács, 2018). Como resultado de los análisis, señalamos el entrelazamiento entre el discurso conservador y la agenda económica neoliberal, bajo la determinación de esta última, con vistas a ocultar las relaciones sociales y sus contradicciones.

PALABRAS CLAVE

Memoria. Arte. Extrema derecha. Contradicción

1. Introdução

“A arte existe porque a vida não basta”¹. Provocativa, a frase de Ferreira Gullar suscita uma reflexão sobre a função da arte em um sistema contraditório em essência. *Seria a arte uma espécie de abrigo (ou panaceia) num mundo em constante crise social? Além disso, as suas formas também não possibilitariam alcançar o funcionamento do real?* A reflexão surgiu do contato com o discurso do prefeito de Boa Vista, capital de Roraima, ao anunciar o cancelamento do show do cantor Johnny Hooker no festival *Mormaço Cultural*, em 25 de setembro de 2023, véspera do início do evento. A iniciativa teria se dado em razão da frase “Jesus é travesti”, dita pelo artista em 2018, no *Festival de Garanhuns*, em Pernambuco.

A partir da reflexão levantada, este estudo tem como objetivo compreender os mecanismos discursivos presentes na fala do prefeito boavistense, desvelando a sua posição, de modo a situar o lugar da arte num contexto de crise econômica mundial, marcado pelo discurso de ódio contra as minorias. Filiada à extrema direita, tal discursividade envolve a repulsa à arte quando essa desestabiliza o ideário conservador, ainda que não rompa com os seus fundamentos, sob a justificativa de que se está protegendo valores “genuínos” ante um *inimigo* representado como contraideológico. Assim, funciona como estratégia para silenciar as determinações da atual crise do capital².

Daí a referência à expressão *cortina de fumaça* - recurso usado com frequência no discurso político para atrair a atenção dos eleitores para temas polêmicos, de forte apelo emocional. Trata-se de uma memória que encontra maior adesão em períodos de crise estrutural do capital, atualizando um imaginário que ganha escopo num contexto de massificação das mídias digitais.

Partindo dessa premissa, o presente estudo se propõe a mobilizar categorias da Análise do Discurso pecheutiana (Pêcheux, 2014; Orlandi, 2016; Magalhães, 2019; Zoppi Fontana, 2014; Courtine, 2006), doravante

1 Trigo, 2010.

2 A crise de 2008 tem como marco inicial o aumento dos valores imobiliários nos EUA, em detrimento da renda da população, que não cresceu no mesmo ritmo, num efeito dominó de alcance mundial. “O Estado mínimo para os trabalhadores e o máximo para os capitalistas foi a tônica das políticas econômicas adotadas, desvelando a natureza fundamental do Estado: tirar dos trabalhadores para entregar aos tubarões do sistema financeiro”, explica Santos Neto (2020, p. 48).

AD, considerando o discurso do prefeito de Boa Vista em sua opacidade significativa, sob o fundamento da incompletude da linguagem (Orlandi, 2012), condição que denuncia a transparência dos sentidos. Em seu gesto de interpretação, a pesquisa se deu em diálogo com o materialismo histórico dialético, especialmente nas discussões que envolvem o papel da arte e o seu caráter partidário no reflexo da realidade (Lukács, 2018). No próximo tópico, apresentamos as categorias e conceitos mobilizados em nossas análises, contextualizando-os.

2. A função da arte no mundo em crise

A invisibilidade dos grupos sociais minoritários³ na formação social brasileira é sintomática de uma estrutura arraigada no patriarcado - moralista, intolerante, classicista -, e quando essa ordem encontra abrigo em contextos favoráveis ao fortalecimento de movimentos totalitários, suas posições são acompanhadas de discursos de ódio, de ataques a grupos vulneráveis, a pretexto de proteger a moral, a família, a religião. Não por acaso, esse clima tende a ser mais favorável ao capital em crise, a exemplo do que ocorre no Brasil e do que ocorreu em seu passado, apontando para a reprodução de uma memória.

A atualização dessa memória está vinculada à manutenção das relações capitalistas, conforme Mézáros (2011), ao indicar que a quebra na ascensão histórica do capital no século XX foi responsável pela crise no Estado moderno, que precisou ser ressignificado, passando a assumir diferentes formas - da democracia liberal ao autoritarismo. De outro modo, destacando que a formação do Estado moderno é uma exigência para a manutenção da produtividade do capital, o teórico ressalta que isso também se dá com o aval de práticas políticas totalizadoras. Na mesma direção, Prado Júnior (2012) aponta a não uniformidade do ritmo da História, havendo alternância de períodos de relativa ou aparente estabilidade com fases de ativação da vida político-social, tendo como efeito profundas mudanças nas relações sociais, com as instituições políticas, econômicas e sociais se ajustando para melhor atender às necessidades não satisfeitas devidamente no período anterior.

Cabe frisar que essa mudança nem sempre representa uma ruptura democrática. A esse respeito, Magalhães (2019, p. 84) afirma que “as contradições que levam o sistema às crises cíclicas geraram a necessidade de se valer de outras formas de empreender a democracia, sempre do ponto de vista da burguesia.” Ao citar a crise política instalada no país após a reeleição de Dilma Rousseff (PT), em 2014, como produto de mais uma crise do capital, a estudiosa (2019, p. 95) pontua que “ela não se põe por si mesma, mas dialeticamente interfere nas medidas a serem tomadas pelo Estado, no discurso para ‘salvar’ a economia brasileira e para tentar minimizar as perdas do capital”.

3 Sodré (2005, p. 11) vincula a minoria a “setores sociais ou frações de classe comprometidas com as diversas modalidades de luta assumidas pela questão social.” Trata-se de um lugar que o autor classifica como “um topos polarizador de turbulências, conflitos, fermentação social”, um espaço de resistência ante a opressão do Estado contra, sobretudo, mulheres, negros, comunidade LGBTQIA+, povos indígenas, migrantes etc.

Em sequência, o Brasil assistiu a mais um golpe, dessa vez institucional, que tomou forma com o impeachment de Rousseff, sem que o regime democrático sofresse rupturas, ao menos em aparência, visto que contou com a permissividade dos poderes constituídos, dotando-o de legitimidade. Assim, abria-se caminho para a aprovação das reformas estruturais exigidas pela classe dominante, como a trabalhista, que elevou a precarização do trabalho.

Fazendo uma ponte com o nosso objeto de análise, essas condições de produção são essenciais para demarcar a posição-sujeito do prefeito de Boa Vista ao cancelar a apresentação de Johnny Hooker no *Mormaço Cultural* de 2023, pois apresenta o contexto sócio-histórico e ideológico de sua enunciação, isto é, as suas condições de produção em sentido amplo (Orlandi, 1993). Assim, em nosso gesto de leitura, considerando o discurso como acontecimento afetado pela história, situamos a fala do prefeito dentro de uma formação social que sofre a determinação do modo produção capitalista, sustentado pelo antagonismo de classes. Na mesma direção, Courtine (2006, p. 68) explicita que todo discurso político, foco central deste estudo, “deve ser pensado como uma unidade dividida, dentro de uma heterogeneidade em relação a si mesmo”. Em síntese, para o teórico, o discurso político “representa os efeitos da luta ideológica no interior do funcionamento da linguagem” (Courtine, 2006, p. 74).

Já em sentido estrito, que se relaciona às circunstâncias da enunciação, “o aqui e o agora do dizer” (Orlandi, 1993, p. 110), as condições de produção da fala em análise têm seu funcionamento condicionado por uma cultura local conservadora. Localizada no extremo norte do Brasil, Roraima sofre os efeitos da crise migratória na Venezuela⁴, com a qual faz fronteira, situação geográfica que se reflete na escolha de seus representantes políticos. Nas eleições de 2022, por exemplo, Jair Bolsonaro obteve no Estado o maior percentual de votos do país - 76,08% (Ramalho, 2022).

Diante do exposto, para compreender como a arte é significada pelo gestor de Boa Vista, é preciso identificar o lugar social de que fala. Sob a determinada processualidade histórica, a filiação do sujeito a uma formação social se relaciona, nessa perspectiva, ao processo de interpelação dos indivíduos em sujeitos do discurso (Pêcheux, 1988). Desse modo, é pelo viés da forma-sujeito, efeito do assujeitamento ideológico, que o sujeito em AD pode assumir diferentes modalidades de subjetivação. Para isso, precisa se inscrever em uma dada Formação Discursiva (FD) - a matriz de sentido, o seu lugar de constituição.

Função da língua com as formações sociais em seus mecanismos de projeção imaginária, a posição-sujeito é uma ilusão, dado que o sujeito tende a se colocar no centro e na origem do sentido. A esse respeito, Pêcheux (1988, p. 160) explica que essa ilusão é necessária à existência da discursividade, sendo essa estabelecida a partir de uma Formação Ideológica (FI), que comporta uma ou várias FDs interligadas, que determinam “o que pode e deve ser dito a partir de uma posição dada numa conjuntura”.

4 Segundo o Censo de 2022 (IBGE), a população de Roraima aumentou 41,25% em relação ao Censo de 2010, num contexto marcado pela entrada massiva de venezuelanos no Estado (Carrança, 2023).

Heterogênea, uma FD é constituída de diferentes vozes, de elementos vindos de outras FDs, apontando para a incompletude da linguagem. Nessa perspectiva, considerando que “sujeito e sentido se constituem ao mesmo tempo” (Orlandi, 2016, p. 88), pode-se afirmar que a identidade não é fixa, podendo deslizar para sentidos outros. Desse modo, ao mesmo tempo em que é “sujeito à determinação, à institucionalização, à estabilização e à cristalização”, sujeito e sentido “fazem seus percursos, mantêm a linha, se detém junto às margens, ultrapassam limites, transbordam, refluem” (Orlandi, 2012, p. 53).

Para entender esse processo, é preciso considerar que a ideologia não representa as reais condições de existência do sujeito, mas sua relação (imaginária) com o contexto sócio-histórico de sua época, especialmente com suas relações de produção. É nela (na relação) que estaria a causa de toda representação ideológica, conforme Althusser (1985).

Materializada discursivamente, a ideologia necessita da linguagem para a sua projeção - seja ela verbal e/ou não verbal. Nesse processo, discurso e linguagem funcionam pela ativação do interdiscurso, ou “todo o conjunto de formulações feitas e já esquecidas que determinam o que dizemos” (Orlandi, 2012, p. 33). Aqui, chegamos a um dos pontos centrais deste estudo - a função da arte em nossa sociedade, definindo-a como materialidade que possibilita a representação do real e, assim como a fala cotidiana e o texto midiático, a tomada de posição.

Ao definir a arte como práxis social, Lukács (2018, p. 192) observa que, ao contrário dos “teóricos burgueses que, supervalorizando unilateralmente a atitude teórico-contemplativa, consideram que toda verdadeira obra de arte é apartidária, superior à desordem das lutas cotidianas”, a arte também é capaz de levar o sujeito a refletir sobre o real. Adiante, o teórico explica que a compreensão do “caráter do partidário no reflexo estético da realidade” exige a sua imbricação com a “reprodução o mais possível fiel da própria realidade objetiva” (Lukács, 2018, p. 193). Com isso, explicita o caráter ideológico da arte na sociedade de classes. “Assim, a realidade refletida e plasmada pela arte, tomada em seu conjunto, implica já, desde o primeiro momento, numa tomada de posição em face das lutas históricas do presente no qual vive o artista”, afirma Lukács (2018, p. 195-6), que reafirma o caráter dialético da arte ao criticar a sua limitação a um fragmento da realidade ou momento de emoção.

Considerando, pois, que “a tomada de posição é inevitável na obra de arte” (Lukács, 2018, p. 198), seu funcionamento, na sociedade capitalista, não ocorre sem haver um controle do que pode ou não ser apreciado/consumido pela massa, com a mídia comercial alimentando a circulação de manifestações que fazem referências a valores hegemônicos, como o apelo à lógica de consumo - sobretudo, as criadas unicamente como bem de consumo. Entre as expressões artísticas monetizadas pela indústria cultural, destacamos as que saem em defesa de minorias, embora, em geral, não apontem as suas determinações. Segundo Cavalcante e Magalhães (2022, p. 217), referindo-se ao modo de produção vigente, “não interessa ao funcionamento desse sistema investir em formas de expressões que possam fazer com que os sujeitos, em particular aqueles que pertencem ao estrato da classe dos trabalhadores, apreendam a essência da realidade em suas

consciências”.

Apesar das preferências da indústria cultural, do esforço demandado para o consumo de expressões artísticas que distanciam a sociedade do funcionamento do real, há espaços de resistência na classe artística. Contemplada pelo Estado democrático de direito, a liberdade artística é assegurada, no Brasil, pela Constituição Federal brasileira, que, em seu artigo 5º, aponta que é livre a expressão artística, independentemente de censura (Brasil, 1988). Mas, a despeito disso, nem sempre o trabalho artístico é assegurado, mesmo na esfera jurídica.

Recuperando a colocação de Magalhães (2019, p. 85) de que as crises estruturais do capital podem ocasionar mudanças no regime democrático para atender às exigências da burguesia, ao tratar da recepção à arte numa conjuntura marcada pela ascensão da extrema direita no Brasil, cabe reforçar que a adesão de parcela significativa da sociedade a discursos de ódio beneficia a burguesia ao “gerar figuras políticas necessárias ao capitalismo”. A produção de uma ideologia centrada no pessimismo e no desespero são características das narrativas desses sujeitos, acrescenta a autora, que toma a eleição de 2018 como “exemplo de como o Capital age, apoiando uma candidatura mais maleável a suas necessidades”.

Impulsionado pelo acesso em massa às tecnologias de informação e comunicação, permitindo maior dinamismo interacional⁵, o avanço da extrema direita no país teve como efeito a projeção de figuras políticas ultraconservadoras, quadro que culminou na eleição, em 2018, de Jair Bolsonaro, cujas pautas incluíam a censura a manifestações artísticas, que contou com a colaboração de membros do poder judiciário. Foi o caso das censuras impostas à peça de teatro *O evangelho segundo Jesus, Rainha do Céu*⁶, proibida de ser encenada no Sesc Jundiaí-SP, em 2017, sob a alegação de que a representação de Jesus Cristo como uma mulher trans “caracteriza-se ofensa a um cem número de pessoas⁷” (Justiça [...], 2017).

Foto 1: Cena de *O Evangelho Segundo Jesus, Rainha do Céu*

5 Para este estudo, optamos por não explorar a noção de discurso digital. Contudo, não podemos ignorar a contribuição, sobretudo, das redes sociais, na reprodução do discurso da extrema direita no Brasil. Nesse sentido, Dias (2018, p. 170) ressalta que o “digital produz um novo tipo de relação entre o sujeito e o social, uma nova relação das práticas políticas e discursivas que não são da ordem da banalidade”. Para a autora, “É preciso compreendê-las para além do utilitário dos sistemas aplicativos que facilitam a vida, a circulação dos dizeres e armazenamento das memórias”. Trata-se de um processo que passa, acrescenta Dias (2018, p. 170), pela “sobredeterminação do político ao econômico, ao consumo, ao mercado de dados”.

6 O monólogo é de autoria da escocesa transexual Jo Clifford.

7 Trecho das alegações do juiz Luiz Antonio de Campos Júnior, da 1ª Vara Cível da Comarca de Jundiaí-SP.



Foto: Divulgação

Interpretada no Brasil pela atriz Renata Carvalho, uma transexual, com mensagens em favor da vida, da tolerância, do perdão, do amor ao próximo a partir de um corpo que é marginalizado pela sociedade, a peça faz críticas ao patriarcado e ao capitalismo: “E abençoa a todos e todas por igual”, segundo sua diretora, Natalia Mallo (Justiça [...], 2017). Embora censurada em cinco cidades brasileiras⁸, a peça ficou em cartaz entre 2016 e 2019, sendo apresentada em diferentes Estados. No entanto, mesmo com a derrubada das censuras pelo próprio poder judiciário, grupos de extrema direita exigiam a sua proibição, reproduzindo a mesma narrativa para outras expressões artísticas, também taxadas de comunistas.

Ao finalizarmos este tópico, é importante reforçar que o controle das práticas sociais por meio da censura, definida por Orlandi (2007, p. 74) como “estratégia política circunstanciada em relação à política dos sentidos”, não acontece sem haver resistências. Nesse sentido, considerando que “a arte constitui a forma material de encontro do simbólico com o político e coloca em funcionamento a ideologia” (Massmann, 2018, p. 45), entendemos que o uso da interdição como recurso para impedir a inscrição do sujeito em formações discursivas indesejadas, encontra na arte espaços de resistência que possibilitam o contato com o outro ideológico, reforçando o caráter histórico do sujeito.

3. A política do silêncio no “Mormaço cultural”, em Boa

Vista

Para compreender os mecanismos discursivos usados pelo prefeito de Boa Vista, capital de Roraima, ao anunciar o cancelamento do show de Johnny Hooker no festival *Mormaço Cultural* de 2023, mobilizamos categorias e conceitos da Análise do Discurso e do materialismo histórico dialético, apresentados no tópico anterior, situando a materialidade analisada a partir do lugar ocupado pela arte dentro de uma formação social contraditória em essência num contexto de crise econômica mundial.

Em nosso gesto de interpretação, retomamos dois acontecimentos que antecedem o discurso do prefeito, em razão de suas imbricações. O primeiro, a censura à peça *O evangelho segundo Jesus, Rainha do Céu*, motivou o segundo acontecimento - o discurso de Johnny Hooker durante sua apresentação no *Festival de Garanhuns*, em Pernambuco, em que critica a censura à peça. Normalmente limitada pela mídia à frase “Jesus é travesti”, a retomada do segundo acontecimento é fundamental para este estudo, em vista de sua atualização no discurso do prefeito de Boa Vista.

Com duração de 1 minuto, a declaração do gestor, datada de 25 de outubro de 2023, pode apresentar, para um leitor menos atento, algumas inconsistências, a ver:

Pessoal, eu tô aqui pra falar com vocês sobre o Mormaço cultural, que é um evento realizado pela Fundação de Turismo, Esporte e Cultura de Boa Vista. A escolha das atrações foi feita pela Fetec a partir de interações nas redes sociais no momento em que anunciamos o Mormaço, onde as pessoas apontaram quem elas gostariam de assistir no festival. Neste final de semana, uma das atrações foi desaprovada por muitas pessoas através de manifestações públicas. Eu estava fora do Brasil, em um evento de primeira infância, e no meu retorno, sábado, me deparei com esses questionamentos. Eu quero pedir desculpas, respeito é algo que eu não abro mão. Todos sabem dos meus princípios e dos meus valores. E como prefeito, sempre vou fazer o melhor pelas pessoas e pela cidade de Boa Vista. De imediato, iniciamos as tratativas jurídicas, e, a meu pedido, a Fetec cancelou essa atração do festival. O Mormaço cultural vai continuar sendo uma festa feliz, com opções para todos e, principalmente, segura, como foi no ano passado. (Metrópolis, 2023).

Numa leitura superficial, sob a transparência da linguagem, temos um comunicado oficial que anuncia o cancelamento de um dos shows do *Mormaço Cultural* pelo prefeito de Boa Vista-RR. De início, o efeito de sentido produzido é o de que a seleção dos artistas se deu de forma democrática - “A escolha das atrações foi feita pela Fetec a partir de interações nas redes sociais no momento em que anunciamos o Mormaço, ‘onde as pessoas apontaram quem elas gostariam de assistir no festival’”, mas o comunicado toma outra direção quando o gestor destaca que “uma das atrações” havia sido desaprovada por “muitas pessoas”. No período final, quando indica que o festival iria “continuar sendo uma festa feliz, com opções para ‘todos’”, o prefeito parece entrar, de novo, em contradição.

Numa leitura atenta, sob o fundamento da Análise do Discurso pecheutiana, outros sentidos reverberam da fala do prefeito. Nela, percebemos a necessidade de reafirmação de uma posição ligada à formação discursiva hegemônica em seu aspecto mais conservador, em vista dos implícitos subjacentes - apresentados ao longo das análises. Assim, ao transferir a iniciativa de contratar Johnny Hooker para a Fetec e, a partir desse órgão, para os sujeitos que participaram da votação para a escolha das atrações, o prefeito busca convencer o eleitor de Roraima, predominantemente conservador, ao pontuar que não se identifica com a FD projetada pela extrema direita como comunista. A respeito dessa movimentação discursiva, Piovezani (2009, p. 133) destaca que “com base nos saberes pressupostos ou manifestos dos seus locutores”, os sujeitos, no discurso político, “tendem a ser distribuídos em taxionomias binárias e disjuntivas (legítimo/conservador, verdadeiro/falso, moderno/arcaico, progressista/conservador...) que,

em última instância, recobrem a cisão bem/mal”.

Nas seqüências discursivas abaixo relacionadas, é visível a intenção do gestor em firmar a sua posição-sujeito. Para isso, usa como recursos discursivos a transferência de responsabilidades (SD1), o distanciamento do conflito (SD2) e a sua projeção como o agente responsável pelo cancelamento (SD3). Vale destacar que a programação do festival foi divulgada pelo prefeito, junto ao presidente da Fetec, em 22 de agosto, cerca de dois meses antes de anunciar o cancelamento (Mormaço [...], 2023).

SD1 - “A escolha das atrações foi feita pela Fetec a partir de interações nas redes sociais” no momento em que anunciamos o Mormaço, onde as pessoas apontaram quem elas gostariam de assistir no festival.

SD2 - “Eu estava fora do Brasil”, em um evento de primeira infância, e no meu retorno, sábado, me deparei com esses questionamentos.

SD3 - De imediato, iniciamos as tratativas jurídicas, e, “a meu pedido, a Fetec cancelou essa atração do festival”.

(Metrópolis, 2023)

Ao considerar que em toda formação social há regras de projeção responsáveis por estabelecer relações entre as situações discursivas e as posições dos sujeitos, supondo a antecipação das representações que o sujeito faz de seus interlocutores, Pêcheux (2014) explica que o que é dito por A precede as respostas de B, que vão sancionar ou não as decisões antecipadas de A. Nessa perspectiva, acreditamos na pressuposição dessas respostas em nossas análises, pois o comunicado, longe de ser inconsistente, é direcionado estrategicamente para o eleitor roraimense, predominantemente conservador.

O prefeito evidencia essa intenção ao usar o vocativo “pessoal” para iniciar a sua fala. Do ponto de vista gramatical, trata-se de uma marca textual que produz sentido de proximidade, dada a sua informalidade. Soa como uma conversa entre amigos, com quem se partilha certa intimidade, efeito que é reforçado, no mesmo período, com o emprego do pronome de tratamento “vocês”:

SD4 - “Pessoal”, eu tô aqui pra falar com “vocês” sobre o Mormaço cultural, que é um evento realizado pela Fundação de Turismo, Esporte e Cultura de Boa Vista.

(Metrópolis, 2023)

A estratégia é repetida ao longo do discurso, mas desvelando outros sentidos, pertencentes à mesma FD. Assim, na SD5, o público-alvo do prefeito passa a ser nomeado pelo pronome adjetivo “muitas pessoas”, relativizando-o. Ao contrário das SDs anteriores, a referência ao eleitor comum de Roraima aparece de forma indireta, seguida do sintagma “de manifestações públicas”, o que dá um caráter democrático à decisão.

SD5 - Neste final de semana, uma das atrações foi desaprovada por “muitas pessoas” através de “manifestações públicas”.

(Metrópolis, 2023)

Associada, geralmente, à “forma política estatal que tenha por núcleos o plano eleitoral e o plano da constituição e da garantia da subjetividade jurídica” (Mascaro, 2013, p. 85), a democracia se confunde com a participação popular nas decisões políticas de um país por meio de representante

político, que se assemelha à figura do porta-voz. Falando em nome dos que representa, ela se coloca em posição de negociador potencial, assumindo como seus anseios da sociedade, conforme Pêcheux (1990).

Já nas SD6 e SD7, o gestor, ao recorrer ao pronome “todos” em suas novas considerações, provoca uma série de deslocamentos de sentido em relação às marcas “pessoal” (SD4) e “muitas pessoas” (SD5), a ver:

SD6 - Eu quero pedir desculpas, respeito é algo que eu não abro mão. “Todos” sabem dos meus “princípios e dos meus valores”.

SD7 - O Mormaço cultural vai continuar sendo uma festa feliz, “com opções para todos” e, principalmente, segura, como foi no ano passado.

(Metrópolis, 2023)

Se nas SD4 e SD5 os referentes “pessoal” e “muitas pessoas” funcionam como paráfrases, isto é, como pertencentes a uma mesma formação discursiva, o mesmo não se pode garantir quanto ao pronome “todos” nas SD6 e SD7. Nesse sentido, partimos de Orlandi (2012b) para reafirmar a natureza da linguagem - a sua incompletude. O dizer é aberto, deriva para outros discursos, outros sentidos possíveis, sendo o texto “um *bólido* de sentidos”, pois “‘parte’ em inúmeras direções, em múltiplos planos significativos”, pontua Orlandi (2012b, p. 14).

Nessa direção, numa leitura superficial, a SD6 apresenta duplicidade de sentidos. O período “‘Todos’ sabem dos meus ‘princípios e dos meus valores’” tanto pode remeter a todos que conhecem os posicionamentos do gestor, incluindo os que não são seus eleitores, como apenas ao eleitor conservador.

Por outro lado, numa leitura atenta, sob o fundamento da Análise do Discurso, ao considerarmos a figura do porta-voz em nosso gesto de interpretação, percebemos o predomínio de um dos sentidos - o que limita o pronome “todos” ao leitor conservador de Boa Vista. Definida por Zoppi-Fontana (2014) como uma operação imaginária de representação e universalização, a figura do porta-voz, segundo a autora, ao produzir um efeito de homogeneização, como se a vontade e a necessidade das pessoas pudessem ser unificadas a partir de uma voz de consenso, apresenta uma contradição constitutiva que afeta o seu funcionamento. De outra forma, há o apagamento da sociedade como ser atuante no processo histórico - em detrimento de sua representação como massa uniforme capaz de eleger representantes políticos, dentro do que a lei prescreve, com vistas ao controle das práticas sociais.

A esse respeito, retomamos Althusser (1985) quando afirma que a ideologia não representa as reais condições de existência do sujeito, mas a sua relação (imaginária) com o contexto sócio-histórico de sua época. Nessa perspectiva, é importante destacar que a identificação do sujeito com uma formação discursiva nem sempre coincide com o lugar que, de fato, ocupa na sociedade de classes, podendo assumir uma posição sob a determinação da formação ideológica dominante.

A compreensão de que a SD6 se dirige para o eleitor comum de Boa Vista, em especial, parte também da imbricação do período que traz o pronome em análise com o anterior - “Eu quero ‘pedir desculpas’, respeito é algo que eu não abro mão”. A quem o prefeito devia um pedido de desculpas senão aos eleitores conservadores, que teriam repudiado a contratação pela

prefeitura de um artista LGBTQIA+, cuja imagem é vinculada à frase “Jesus é travesti”? Que “princípios” e “valores” são esses que não os que o prefeito compartilharia com os seus eleitores? Portanto, entendemos que tais colocações não são direcionadas às pessoas que escolheram Johnny Hooker na votação organizada pela Fetec. Voltam-se, sobretudo, para “uma incessante busca de legitimidade”, nas palavras de Piovezani (2009, p. 133), que, mais adiante, observa:

Fabricar e expor o “eu” (reivindicação de uma paradoxal “privatização-publicização” da política contemporânea) são ações que apontam para o deslocamento relativo da fonte de legitimidade; passa-se da função pública aos atributos pessoais: “sinceridade”, “honestidade”, “simplicidade”, “generosidade” são elevadas à condição de valores essenciais daqueles que estão destinados a exercer cargos públicos (Piovezani, 2009, p. 134-135).

Segundo Orlandi (2012b, p. 14), não é por ser aberto que o processo de significação não é administrado. A partir dessa premissa, na análise da SD7, quando o prefeito de Boa Vista destaca que há “opções para todos”, notamos o apagamento do outro - que envolve as pessoas que votaram em Hooker. Desse modo, há uma quebra de sentido em relação à SD1, que aponta a preocupação inicial da prefeitura em delegar para a população a escolha das atrações, num “viva a democracia”, respeitada até 25 de setembro, data do comunicado - um dia antes do início do festival.

Mais do que o apagamento do outro que votou no artista censurado, a SD7 aponta para uma exclusão da ordem do simbólico e atinge a comunidade LGBTQIA+. Considerando que o sujeito não tem consciência de que é interpelado, nem da ordem inconsciente do seu dizer (Pêcheux, 1988), entendemos que essa exclusão reproduz a invisibilidade que atinge os grupos minoritários - historicamente marginalizados do poder e da obtenção de direitos básicos, recaindo-lhes o estigma ligado às suas condições, à intolerância, à violência⁹, apesar das garantias constitucionais.

Esse quadro é observado quando o prefeito se refere a Johnny Hooker como “essa atração” (SD3) e “uma das atrações” (SD5), sem identificar o artista, ainda que, dada a grande repercussão que o acontecimento teve, de alcance nacional, essa associação fosse possível.

Da ordem do simbólico, esse apagamento, não por caso, recai num artista (re)conhecido por sua militância em favor da causa LGBTQIA+ através de suas composições, clipes, entrevistas, e que passou a ser alvo da extrema direita após a sua apresentação no *Festival de Garanhuns* de 2018, quando criticou a censura à peça teatral *O Evangelho Segundo Jesus, Rainha do Céu*¹⁰, prevista na programação do evento, a pedido do prefeito da cidade de Garanhuns.

9 Dados registrados pelo Grupo Gay da Bahia indicam que, em 2023, a cada 34 horas, uma pessoa LGBTQIA+ morreu de forma violenta no Brasil - o país mais homotransfóbico do mundo (Cruz, 2024).

10 A proibição foi derrubada pelo desembargador Silvio Neves Baptista Filho, do Tribunal de Justiça de Pernambuco (TJ-PE) após acatar um recurso do Ministério Público. Em suas alegações, o desembargador destacou que “A atração nada mais é do que um drama teatral, que busca conscientizar e estimular a reflexão sobre a discriminação social de uma minoria, especialmente das transexuais e travestis” (Justiça [...], 2017).

Foto 2: Johnny Hooker no Festival de Garanhuns de 2018



Foto: Divulgação

Visto por grupos conservadores como ofensa à fé cristã, o discurso do artista, limitado, por vezes, à frase “Jesus é travesti” - de forma tendenciosa, forçando um efeito de sentido - justificou o seu cancelamento no *Morço Cultural*. Subentendido na fala do gestor, o motivo a atravessa na SD6, quando indica que “todos sabem dos meus ‘princípios e dos meus valores’”. Considerando a sua posição-sujeito, vinculamos tais princípios e valores à formação discursiva conservadora.

Da ordem do não dito, essa conclusão surge da imbricação entre o dito, as suas condições de produção e a memória, definida por Orlandi (2012, p. 33) “enquanto espaço de recorrência das formulações na relação com a ideologia”. Nesse viés, a linguagem não é transparente, o que significa, segundo Orlandi (2007, p. 14), que “as palavras são cheias de sentidos a não dizer”. Mais adiante, a autora parte da metáfora do mar para explicar como o silêncio significa no discurso: “Como para o mar, é na profundidade, no silêncio, que está o real do sentido. As ondas são apenas o seu ruído, suas bordas (limites), seu movimento periférico (palavras)” (Orlandi, 2007, p. 33).

A compreensão do discurso do prefeito de Boa Vista, como foi colocado no início do tópico, exige a retomada de dois acontecimentos - a censura à peça *O Evangelho Segundo Jesus, Rainha do Céu* e o discurso de Johnny Hooker no *Festival de Garanhuns de 2018*. No caso deste, retomamos toda a fala a fim de melhor compreender a posição do gestor:

E se, e se Jesus Cristo voltasse nos dias de hoje...? E se Jesus Cristo voltasse nos dias de hoje como uma travesti? Não era... não era “ame ao próximo como a si mesmo”? Não era pra ser assim? Então, tando aqui, nesse palco hoje, num falso “Viva a liberdade”... por que... liberdade pra quê? Liberdade pra quem? Pra quais corpos? Pros corpos gays, lésbicos, transexuais, travestis? E eu tô aqui hoje pra dizer pra vocês que Jesus Cristo é travesti sim. Jesus é transexual sim. Jesus é bicha sim. (Falas musicais, 2018).

Ao limitar o discurso de Hooker a uma frase de apelo emocional, apagando a sua mensagem, de teor cristão, o que se busca é projetar a imagem de um inimigo, de alguém que não respeita os “princípios” e “valores” cristãos. Esse imaginário é alimentado, muitas vezes, mais pela transfobia do que pela defesa da fé cristã. A materialização de Jesus Cristo num corpo travesti, ao provocar essa reação, entre outras, inclusive de ódio, com ameaças de morte e bombas jogadas durante a encenação da peça censurada, aponta que, mesmo no discurso religioso, há múltiplos gestos de interpretação, de sentidos que, não raras vezes, distanciam-se do discurso religioso, no caso

cristão, mas que dele partem para ganhar legitimidade e, assim, interferir em outras instâncias da sociedade, controlando-a.

A reação a um corpo, qualquer que seja, aponta para a sua significação - a sua historicidade, atravessada pela ideologia. “Enquanto corpo simbólico, corpo de um sujeito, ele é produzido em um processo de significação, onde trabalha a ideologia, cuja materialidade específica é o discurso”, afirma Orlandi (2016, p. 85). Nesse sentido, os corpos também são perpassados por subjetividades - são assujeitados, moldando-se às convenções sociais. Mas também são resistências, caso do corpo travesti, do corpo trans. E quando o corpo se converte em fonte de reprodução do discurso religioso a fim de suscitar, por meio da expressão artística, a reflexão, a sensibilização quanto a sua condição, humanizando-a, o recorte é uma prática comum, isolando o corpo marginalizado da mensagem que tenta (re)produzir. O objetivo é convertê-lo em seu oposto - num movimento de sentidos que busca criminalizá-la, daí as iniciativas que culminaram nas censuras à peça *O Evangelho Segundo Jesus, Rainha do Céu*. Ainda que a narrativa seja desconstruída, em seguida, pelo próprio poder judiciário, segue sendo alimentada, produzindo efeitos, a exemplo do que ocorreu em Boa Vista.

A crítica de Johnny Hooker recai justamente na intolerância dos que se dizem cristãos, mas, na prática social, não seguem os “princípios” e “valores” da religião, segundo o imaginário social - “Não era... não era ame ao próximo como a si mesmo? Não era pra ser assim?” Em seu discurso, o artista também critica a prefeitura de Garanhuns, responsável pela proibição do monólogo, quanto à escolha do tema do festival de 2018 (“Um viva à liberdade”) - “Então, tando aqui, nesse palco hoje, num falso ‘Viva a liberdade’... por que... liberdade pra quê? Liberdade pra quem?”

Ao voltar o nosso olhar para a função da arte na sociedade de classes, buscamos “restituir” a sua condição política, tantas vezes silenciada pela indústria cultural, para desvelar as contradições que perpassam as relações sociais na atualidade. Assim, mais do que levantar discussões acerca da liberdade artística, da intolerância religiosa, do funcionamento da democracia, nosso olhar analítico se volta para o reflexo dos efeitos da crise estrutural do capital nas materialidades analisadas.

Como exposto anteriormente, o capital em crise, para assegurar a manutenção dos grupos dominantes, segue agindo no sentido de interferir no funcionamento da sociedade, moldando-a segundo seus interesses. No Brasil, essa interferência vem ocorrendo através da circulação de narrativas ultraconservadoras, sob o impulso das tecnologias digitais, num retrocesso civilizatório que se dá paralelamente à piora das condições de vida das minorias, inclusive da massa que abraça o discurso irracional de líderes forjados em contexto de crise política. Assim, dissimulam-se as relações de classe, imprescindíveis para a reprodução do sistema vigente.

Ao finalizarmos as nossas análises, partimos de Lukács (2018, p. 198) quando observa que a arte “jamais representa singularidades, mas sim - e sempre - totalidades.” Nessa direção, trazemos Cavalcante e Magalhães (2023, p. 290) para pontuar que a arte, ao sofrer a determinação de suas condições de produção, “não pode se esquivar das contradições inerentes” ao sistema capitalista. A arte, acrescentam, “expressa tais contradições, propõe reflexões e produz sentidos os mais diversos para refletir estetica-

mente a realidade da qual emergiu” (Cavalcante; Magalhães, 2023, p. 290).

O presente artigo é uma investigação sobre “uma das menores recorrências” do romance “Doutor Fausto” de Thomas Mann, a saber: o riso de Adrian Leverkühn. Busca-se, assim, associar uma circunstância presente no romance (o riso) à problemática maior da obra: o fazer artístico na modernidade. Não somente o autor textualmente relaciona o romance ao fazer artístico, ou seja, sua problemática maior, como também a presença de Theodor Adorno, leitor e crítico da obra, aponta nessa direção. Dessa maneira, a pergunta que norteia o presente estudo é: De que forma o riso de Adrian conecta-se a seu próprio fazer artístico? Associações são feitas ao longo do artigo com o conceito de reconhecimento do filósofo norte-americano Stanley Cavell e o ceticismo referente à falta dele. Teóricos, como Bergson, Baudelaire e Morreall fornecem a fundamentação para teorias do riso. Ademais, ao longo do texto, a presença do riso em outras interpretações fáusticas escritas na primeira metade do século XX também são comparativamente abordadas. Assim, no presente estudo, a posição singular de Adrian, no cenário fáustico, mostra-se conectada à irrupção do riso, que longe de ser um dado menor, revela-se primordial para compreensão de sua produção artística.

Conclusão

Ao iniciarmos este artigo, indicamos a sua direção a partir de Ferreira Gullar, a quem é atribuída a frase “A arte existe porque a vida não basta”, que funcionou como espécie de guia no processo de análise do discurso do prefeito de Boa Vista. Sob o fundamento da AD pecheutiana, as reflexões surgidas nos levaram a questionar a função da arte numa sociedade de classes, cuja estrutura - patriarcal, classicista, intolerante - é garantidora das contradições sociais, essenciais para o funcionamento do sistema vigente.

Fazendo um paralelo entre a frase de Goulart e a de Lukács (2018, p. 198), quando observa que “a tomada de posição é inevitável na obra de arte”, situamos a arte como uma materialidade que possibilita o alcance do real, a sua reflexão, principalmente, quando assim se propõe. De uma arte provocadora, cujo criador assume o lugar de resistência através de seu objeto artístico, como faz Jo Clifford na peça *O Evangelho Segundo Jesus, Rainha do Céu*, ao indicar as determinações do discurso conservador através das críticas que tece ao sistema patriarcal a partir de seus mecanismos de opressão na atualidade.

A partir dessa consideração, retomamos um trecho do discurso de Johnny Hooker - “Liberdade pra quem? Pra quais corpos? Pros corpos gays, lésbicos, transexuais, travestis? E eu tô aqui hoje pra dizer pra vocês que Jesus Cristo é travesti sim. Jesus é transexual sim. Jesus é bicha sim” - para apontar, em forma de questionamento, um dos incômodos que nos acompanhou ao longo deste estudo:

Por que a representação de um personagem projetado no imaginário social como símbolo do amor em um corpo travesti causa tanto ódio, ainda que reproduza a sua mensagem?

Embora a pesquisa necessite de avanços, reforçamos o entendimento

de que a resposta está vinculada à formação do Estado moderno, em sua função de garantidora do *status quo* dos grupos hegemônicos. Assim, ainda que pautas ligadas a grupos minoritários recebam a proteção do Estado, na prática, a sua visibilidade, sobretudo em períodos de crise econômica, alimenta o discurso de ódio da extrema direita. Vimos que daí são forjadas as lideranças políticas coniventes com o capital em crise.

Na conclusão deste artigo, reafirmamos o lugar da arte como fonte de reflexão na sociedade de classes, mesmo quando é entendida apenas como produto de consumo pela indústria cultural, tendo em vista o caráter heterogêneo da linguagem, a sua incompletude, apontando para o sujeito como ser histórico, que resiste. Em nossa leitura, “A arte existe porque a vida não basta” caminha na mesma direção.

Referências

ALTHUSSER, Louis. **Aparelhos ideológicos de Estado**: nota sobre os aparelhos ideológicos de Estado (AIE). 2. ed. Tradução de Walter José Evangelista e Maria Laura Viveiros de Castro. Rio de Janeiro: Graal, 1985..

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Presidência da República. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm Acesso em: 10 jan. 2020.

CARRANÇA, Thais. Censo do IBGE: a polêmica sobre tamanho da população que pode tirar dinheiro de municípios. BBC News Brasil, 5 jan. 2023. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-64170957> Acesso em: 4 ago. 2024.

CAVALCANTE, Alexandre Souza. MAGALHÃES, Belmira da Costa. O lugar da arte na transformação da humanidade. **Revista Letras**, Curitiba, ufpr, n. 105, pp. 209-229, jan./jun. 2022.

CAVALCANTE, Alexandre Souza. MAGALHÃES, Belmira da Costa. Capitalismo, arte e (des)humanidade. In: GRIGOLETTO, Evandra; DE NARDI, Fabiele Stockmans. **Trajeto de sujeitos e sentidos: discurso, história, revolução**. 1 ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2023. p. 273-302.

COURTINE, Jean-Jacques. **Metamorfoses do discurso político**: derivas da fala pública. Tradução de Nilton Milanez e Carlos Piovezani Filho. São Carlos, SP: Claraluz, 2006.

CRUZ, Elaine Patricia. ONG contabiliza 257 mortes violentas de LGBTQIA+ em 2023. **Agência Brasil**, jan. 2024. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/direitos-humanos/noticia/2024-01/brasil-e-o-pais-mais-homotransfobico-do-mundo-diz-grupo-gay-da-bahia> Acesso em: 26 jan. 2024.

DIAS, Cristiane. **Análise do discurso digital**: sujeito, espaço, memória e arquivo. Campinas, SP: Pontes Editores, 2018.

FALAS MUSICAIS. **Johnny Hooker no FIG** - Boato/Escandalizar. Youtuber, julho de 2018. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=YP0Gh18O55s> Acesso em: set. 2023.

JUSTIÇA determina que peça com atriz trans volte ao FIG. **Diário de Pernambuco**, 25 jul. 2017. Disponível em: <https://www.diariodepernambuco.com.br/noticia/viver/2018/07/justica-determina-que-peca-com-atriz-trans-volte-ao-fig.html> Acesso

em: out. 2023.

JUSTIÇA proíbe exibição de peça que apresenta Jesus como mulher trans. **Brasil de Fato**, 18 set. 2017. Disponível em: <https://www.brasiledefato.com.br/2017/09/18/jus-tica-proibe-exibicao-de-peca-que-apresenta-jesus-como-mulher-trans> Acesso em: 15 set. 2023.

LUKÁCS, György. **Introdução a uma estética Marxista**: sobre a particularidade como categoria da Estética. São Paulo: Instituto Lukács, 2018.

MAGALHÃES, Belmira. A crise estrutural do capitalismo e o irracionalismo. **Conexão Letras**, Porto Alegre, v. 14, n. 22, p. 81-91, jul-dez. 2019.

MASCARO, Alysson Leandro. **Estado e forma política**. São Paulo: Boitempo, 2013.

MASSMANN, Débora. O político na/da arte: instituições, discursos, resistências. In: ORLANDI, Eni; MASSMANN, Débora; DOMINGUES, Andrea Silva. **Linguagem**, instituições e práticas sociais. Pouso Alegre, MG: Univás, 2018. p. 41-54.

MÉSZÁROS, István. **O poder da ideologia**. Tradução de Paulo Cezar Castanheira. São Paulo: Boitempo, 2011.

METRÓPOLIS. **Prefeito de Boa Vista cancela apresentação de Johnny Hooker e internet aponta homofobia**. Youtube, setembro de 2023. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=FryJH_oLXtQ Acesso em: set. 2023.

MORMAÇO Cultural 2023: Arthur Henrique divulga datas dos shows nacionais. **Roraima em Tempo**, 23 ago. 2023. Disponível em: <https://roraimaemtempo.com.br/diversao/mormaco-cultural-2023-arthur-henrique-divulga-datas-dos-shows-nacionais/> Acesso em: out. 2023.

ORLANDI, Eni. **Discurso e leitura**. 2 ed. Campinas, SP: Cortez; São Paulo: Editora da Universidade Estadual de Campinas, 1993.

ORLANDI, Eni. **As formas do silêncio**. No movimento dos sentidos. 6 ed. Campinas/SP: Editora da Unicamp, 2007.

ORLANDI, Eni. **Análise de discurso**: princípios e procedimentos. 10. ed. Campinas: Pontes Editores, 2012.

ORLANDI, Eni. Interpretação. **Autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico**. 6 ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2012b.

ORLANDI, Eni P. **Discurso em análise**: sujeito, sentido, ideologia. 3 ed. Campinas, SP: Pontes editores, 2016.

PÊCHEUX, Michel. **Semântica e discurso**: uma crítica à afirmação do óbvio. Campinas, SP: Ed. Unicamp, 1988.

PÊCHEUX, Michel. Delimitações, inversões, deslocamentos. Tradução de José Horta Nunes. Campinas, SP: **Cad. Est. Ling.**, n.19, p. 7-24, jul/dez. 1990.

PÊCHEUX, Michel. Análise automática do discurso (AAD-69). In: GADET, Françoise; HAK, Tony (org.). **Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux**. Tradução de Bethania S. Mariani et al. 5 ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2014. p. 59-148.

PIOVEZANI, Carlos. **Verbo, corpo e voz**: dispositivos de fala pública e produção da verdade no discurso político. São Paulo: Ed. Unesp, 2009.

PRADO JÚNIOR, Caio. A revolução brasileira. In: PRADO JÚNIOR, Caio; FERNANDES, Florestan. **Clássicos sobre a revolução brasileira**. 2. ed. São Paulo: Editora Expressão Popular. p. 21-44, 2012.

RAMALHO, Yara. Lula vence em apenas uma cidade de Roraima e Bolsonaro recebe maior percentual de votos do país no estado. **G1 RR**, set. 2022. Disponível em: <https://g1.globo.com/rr/roraima/eleicoes/2022/noticia/2022/10/31/estado-com-menor-numero-de-eleitores-no-brasil-roraima-garante-a-bolsonaro-7608percent-dos-votos->

[-maior-percentual-do-pais.shtml](#) Acesso em: 4 set. 2023.

SANTOS NETO, Artur Bispo dos. **Capital e pandemia**. Goiânia: Editora Phillos, 2020.

SODRÉ, Muniz Araújo Cabral. Por um conceito de Minoria. In: Raquel Paiva; Alexandre Barbalho. (org.). **Comunicação e Cultura das Minorias**. São Paulo: Paulus, 2005.

TRIGO, Luciano. 'A arte existe porque a vida não basta', diz Ferreira Gullar. **G1**. 7 ago. 2010. Disponível em: <https://g1.globo.com/pop-arte/filip/noticia/2010/08/arte-existe-porque-vida-nao-basta-diz-ferreira-gullar.html> Acesso em: 14 ago. 2023.

ZOPPI-FONTANA, Mônica. **Cidadãos modernos**: discurso e representação política. 2 ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2014.